

### Palavras do editor

**Chegamos ao nosso público**, quiçá cada vez mais ampliado, com o Volume 11 de nossa Revista *História Oral* agregando dois números, com o intento de atualização de sua periodicidade. Com isto, afirmamos o compromisso editorial da Revista, lugar consolidado de divulgação de saberes, conhecimentos, narrativas, muitas histórias e memórias.

O volume que chega às mãos dos caros leitores recolheu artigos enfiados em específico Dossiê – *Trabalho, Campo e Política*; um conjunto de Artigos de distinta perspectiva temática e uma entrevista.

O Dossiê alberga uma multiplicidade de visadas, materializadas em textos em que vários depoimentos, diversos narradores e autores, na forja da palavra, dão forma e conteúdo ao desenho do passado. Lugar central, o da palavra falada, expressando sentimentos e os frutos de suas e de outras vivências. Situadas no tempo que ficou e não passou, hoje é como se fosse ontem, um cadinho de histórias continuadas de lutas, enfrentamentos e de vida vivida. Vidas impregnadas de historicidade que se juntam a outras vidas.

A partir de um conjunto de depoimentos de agentes públicos estratégicos do Ministério do Trabalho, Angela de Castro Gomes propõe rica e urgente reflexão sobre a prática contemporânea do trabalho escravo. Um debate que já se firmou nos fóruns internacionais e ultrapassa a fronteira e a démarche jurídico-política quer seu lugar no campo dos estudos sobre trabalho e sobre escravidão. É argumento também de articulação entre os campos disciplinares da História e do Direito. Suscitando o debate em torno dos deslocamentos de interpretação, o artigo problematiza uma questão política e social que envolve um grande contingente de trabalhadores brasileiros, homens e mulheres em contínua luta por direito e cidadania.

Lutas que são marcas do passado e do presente, e, mesmo quando lembradas de forma individual, interpenetram-se com as memórias coletivas,

sociais, como as narrativas de mulheres camponesas de Santa Catarina analisadas por Cristiani Bereta da Silva e Maria Ignez Paulilo em *História Oral e memória: movimentos sociais de mulheres camponesas*. O artigo aguça nossa consciência histórica sobre a história em movimento de mulheres agricultoras em Santa Catarina. Memórias de Luci Choinaski e Adélia Schmitz articulam-se às memórias coletivas, sociais e oferecem matéria de exame e interpretação à história recente do Brasil, também de mulheres e camponesas.

O artigo de Márcio Vilela e Pablo Porfírio, *Memória e política: a trajetória de Francisco Julião*, é agudamente atual. Aqui os fios de memória tecem uma história que não se pode olvidar (como querem alguns), relativa aos embates políticos dos fins da ditadura militar no Brasil. Em tela, o marco de 1979 com a aprovação da Lei de Anistia. O artigo versa sobre a trajetória multifacetada de Francisco Julião, personagem símbolo das Ligas Camponesas, com ênfase em sua tentativa de reinserção política e composição de novas redes sociais.

Um entrelaçar de memórias oferece a marca e o compasso das falas dos migrantes de Canudos rumo à cidade de São Paulo, embalados por sonhos e desejos de uma vida melhor. Aqui, Telma Bessa Sales procura refletir em *Memórias e histórias: canudenses na cidade de São Paulo*, um novo sujeito social: “Nordestinos”, migrantes canudenses em busca de espaços de trabalho, de convívio; reconstituição possível, em campo de tensões e conflitos, de sua presença, modos de vida, experiências, sem desfazer os laços e as relações com Canudos.

Revitalizar falas, fatos e vivências são outra marca neste Dossiê, como no artigo de Mauro Passos. *Nas fronteiras do bem e do mal: oralidade e narrativa em Guimarães Rosa*, quando o imaginário religioso é o referente no esforço de análise da história de Maria Mutema. Outra vez a narrativa de Guimarães Rosa é o veio onde o autor garimpa a produção de sentidos circunscrevendo essa história – o segredo, o olhar, a palavra. Nas interferências da tradição oral, nos trilhos da intertextualidade, a ordem da narrativa, no dizer do autor do Artigo.

Na segunda parte da Revista, apresentamos aos leitores outro conjunto de artigos: de Verena Alberti, “*Narrativas prenantes*” como “*jogos de linguagem*”: possibilidades da história oral à luz da teoria da linguagem de Wittgenstein; de Maria Elisa Linhares Borges, *A Reforma Universitária de 1968: memórias da repressão e da resistência na UFMG*;

de Lígia Madrigal Mendieta, *La función de la oralidad a través de los mitos y leyendas*; de Lúcia Maria Ozório, *História e memória: comunidade, interculturalidade, relatos de vida em comum*; de Ana Rita Duarte, *Ação política nas memórias em disputa: a experiência das militantes do movimento feminino pela anistia no Ceará* e de Hernán Ramirez, *Reflexões sobre fontes orais através da desconstrução do depoimento de Jorge Oscar de Mello Flores*.

A publicação de entrevista com o historiador português Luís Reis Torgal em nossa Revista é duplamente significativa. Em primeiro, como evidência de nossos diálogos frutíferos com um intelectual de nomeada na Universidade de Coimbra, no Instituto de História e Teoria das Idéias, no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, na Revista de História das Idéias, na Revista Estudos do Século XX e em sua obra de larga repercussão historiográfica. Em segundo, pela retomada em nosso projeto editorial da boa prática de socializar consistentes diálogos acadêmicos, na forma de Entrevista ou Debate de Idéias, como nesta boa prosa entre Reis Torgal e Régis Lopes, da Universidade Federal do Ceará.

Uma boa leitura!

Eurípedes A. Funes  
Janeiro de 2010